

A Nobre e Breve História do Beijo¹

Eid Nogueira BUZALAF²

Alexandra Lima Gonçalves PINTO³

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP

RESUMO

“A nobre e breve história do beijo” é um projeto realizado como trabalho de conclusão de curso do curso de Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos. O projeto trata-se de uma microssérie de ficção, composta por três episódios, que propõe um novo formato de exibição, com duração entre cinco e dez minutos cada. A microssérie é de classificação livre e traz como tema uma lenda fictícia sobre o surgimento do pássaro beija-flor.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; televisão; microssérie; ficção.

1 INTRODUÇÃO

A ideia inicial de “A nobre e breve história do beijo” foi de trazer o tom mágico das lendas brasileiras e a cultura caipira sob uma nova abordagem audiovisual. O projeto propõe uma metragem bastante inovadora para uma série televisiva. São três episódios, com duração entre cinco e dez minutos cada.

Os três episódios traçam juntos uma única narrativa, que se passa em dois universos distintos. O primeiro é o universo do contador de histórias, e o segundo é uma ilustração da história que está sendo contada.

Em uma festa popular no interior, um contador de histórias entretém crianças e adultos narrando histórias folclóricas. Para ilustrar suas histórias, ele usa objetos feitos de sucata, fantoches e marionetes.

O contador de histórias anuncia o início de uma nova história: a história de um menino, uma flor e um beijo. Quando o narrador começa a contar a história, o foco passa a ser a própria história contada.

É a história de Jessé, um menino de oito anos, que vive em uma pequena comunidade rural. Em um dia qualquer, Jessé dá um beijo no rosto de Anaí, seu prima da mesma idade. Após o beijo, Anaí adoece e, depois de poucos dias, morre. No local onde a menina é enterrada, nasce uma flor. O garoto atribui a morte da menina ao seu beijo, e passa a acreditar que seu beijo é amaldiçoado.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade RT 04 Ficção Seriada – Telenovela, Séries Televisivas e afins (seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante recém-graduado do Curso de Imagem e Som da UFSCar, email: eidbuzalaf@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Imagem e Som da UFSCar, email: alexandralimagpinto@gmail.com.

Jessé chega à conclusão de que seu beijo só causará o mal às pessoas, e resolve por um fim a esta situação. Ele pede à flor que o ajude, tirando-o de perto das pessoas que ele gosta. Jessé beija a flor e, neste momento, se transforma em um beija-flor. O contador de histórias explica que foi assim que surgiram os beija-flores.

2 OBJETIVO

Os objetivos principais de “A nobre e breve história do beijo” são as inovações propostas do ponto de vista da duração da microssérie e também do tratamento estético, bem como o resgate cultural trazido pela temática do universo caipira e das lendas folclóricas.

A metragem da microssérie se adequa principalmente ao público infantil. Por ter uma duração curta, os episódios duram o suficiente para prender a atenção de crianças e torna a assimilação do conteúdo mais fácil. Essa duração também permite muita flexibilidade de horários na grade de programação.

3 JUSTIFICATIVA

“A Nobre e Breve História do Beijo” constrói um universo onde elementos não realistas permeiam o enredo e fazem deste projeto mais do que a simples contação de uma lenda. Estão implícitos também temas como a importância de uma tradição oral, o surgimento de uma peça folclórica, a perpetuação da cultura caipira e o fato de que a sabedoria popular influi profundamente na formação da população.

A escolha em abordar o tema da tradição oral mostra sua importância quando pensamos no peso desta tradição na formação da cultura e do folclore brasileiro. Vivemos num país profundamente ligado à cultura oral. Nossas lendas, contos e cantigas surgiram a partir de histórias contadas em comunidades rurais do interior do país. E elas constituem a identidade de um povo.

A memória coletiva e individual cria e transforma a realidade, e é nesta constante mudança que reside a riqueza destas histórias. Não são como contos engessados em livros, se moldam ao contexto e regionalismos de cada um. Isso não interfere na essência das mensagens, pelo contrário, acresce valor a elas.

Como não há registros, não é possível definir precisamente onde e quando surgiram, ou o que inspirou essas histórias. Mas elas trazem consigo uma carga cultural desde as

nossas origens indígenas, reaproximando o povo desse elemento importante da nossa identidade brasileira.

Hoje, com as novas mídias e a formação de uma cultura mundial, o popular vem perdendo espaço. Festas típicas e cantigas são mantidas pelos mais velhos, mas vem conquistando cada vez menos gerações. A microssérie procura resgatar essa magia do folclore local, e fornecer a essas tradições uma roupagem nova, inserindo-as nas formas contemporâneas de linguagem narrativa.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Desde o início do projeto, tinha-se uma ideia nítida do tratamento estético desejado. Como parte dos métodos para alcançar o visual almejado, o projeto previa uma produção com responsabilidade ecológica, através da utilização de materiais reciclados.

Uma grande pesquisa na área de reciclagem e criatividade em reaproveitamento foi feita. Essa escolha também foi um meio do departamento de arte baratear os custos envolvidos com a produção, já que a proposta era complexa.

Foi elaborada a ideia de que além do beija-flor, outros elementos também seriam fantásticos. Foi decidido que todos os outros animais do universo da lenda, o Sítio onde se passa a história, também seriam elementos estilizados. Essa escolha foi feita por fazer a conexão com o principal elemento da história, o beija-flor, que não poderia ser um pássaro verdadeiro.

O universo da Festa Caipira, apesar de parecer em um primeiro momento o que corresponde à “realidade”, também precisava ser um ambiente encantado, a ponto de levar os espectadores a usarem sua imaginação e se “deixarem levar pelas palavras do Contador”. Foram pensados elementos que ajudassem na contação da história e em uma cenografia rústica e teatral. Esse ambiente foi inteiramente construído, agregando ao projeto noções de cenografia e, de forma simplificada, de um projeto arquitetônico.

Já o ambiente Sítio, foi pensado para ser um ambiente rural, distante da atualidade e com tom atemporal. Tudo nesse ambiente foi pensado para que não denunciasse alguma época específica, mas que mantivesse uma relação com os costumes antigos, o ambiente em que se situa e a própria natureza.

Para ambos universos, a principal referência visual foi a série televisiva “Hoje é dia de Maria”, ambas as temporadas. Além disso, foi dada continuidade na ideia de utilizar materiais recicláveis e foram definidas então as paletas de cor e principais referências para a

microsérie, sem que fossem consideradas limitantes e sim direcionais. Para o ambiente do Sítio, cores vivas e “naturais”, como verde, amarelo, rosa, violeta e laranja foram consideradas, além de compor com cores do universo infantil. Já para o universo da Festa, cores mais escuras foram escolhidas, pensando no ambiente noturno em que se passa essa parte da história, e acrescentando cores circenses, tons rústicos e luzes.

Para iluminação técnica, foram usados predominantemente Fresneis 1KW, somados a Lâmpadas Photoflood (3200K e 5600K), lanternas chinesas e 2 rebatedores 1,70 x 1,70m que foram construídos com tecido branco e tubos de PVC como armação.

Durante as gravações, para seguir os mapas de luz e se manter fiel à proposta, era necessário sempre possuir uma luz contra forte e predominante, que causaria efeitos de *flare* na lente e, assim, manter uma textura suave na imagem. Para isso, as externas foram gravadas somente na hora mágica, período do dia em que a luz possui uma temperatura de cor mais amarelada, direcionamento horizontal e sombras mais suaves, ou seja, no entardecer e no amanhecer.

Para a captação, foi usada a câmera Canon T2i e duas lentes (Canon 18-135mm f/3.5-5.6 e Canon 50mm f/1.8).

Quase todas as cenas tiveram captação de som direto, mesmo que não houvesse diálogo. Havia ruídos que seriam muito difíceis de reproduzir com naturalidade no laboratório de som. Mesmo assim, em algumas cenas não foi possível captar o som adequadamente, e foi preciso recriar sons em estúdio.

Foi feito um mapa de som no qual se descreve, cena a cena, todos os sons existentes, separados nas categorias: som direto, *foley*, ambiência e efeito. Essa divisão é importante para que se tenha o cuidado de captar tudo o que for necessário no *set*, principalmente *off* e detalhes que não estão evidentes no plano e podem passar despercebidos. Também foi elaborada uma análise técnica descrevendo quais equipamentos seriam usados em cada cena, ajudando muito na organização da gravação.

Tendo em vista que durante todo o desenvolvimento do projeto, as áreas de identidade visual, montagem, pós-produção e tratamento de cor estiveram profundamente interligadas necessitando de uma conversação fácil e rápida, foi decidido utilizar para todos os trabalhos o pacote de programas Adobe Creative Suite 5.5 Master Collection, de modo a facilitar esse processo. Assim a montagem dos episódios foi realizada no Adobe Premiere Pro CS 5.5.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O argumento inicial de “A nobre e breve história do beijo” surgiu a partir da ideia do beijo amaldiçoado. Durante o desenvolvimento do argumento, foram cogitados diversos tipos de ambientação para inserir a história. Levando em consideração as opções estéticas, as possibilidades de realização e o acesso a referências, foi escolhido trazer a história para uma roupagem característica das lendas folclóricas brasileiras.

A partir do roteiro, foi criada uma proposta de direção que pudesse contemplar de maneira satisfatória e exequível as aspirações da microssérie.

A primeira questão foi a concepção artística de como retratar os dois universos existentes na história - o Sítio e a Festa Caipira.

Com referência em produtos audiovisuais nacionais, surgiu a ideia de fazer uma abordagem não naturalista no ambiente Sítio, inserindo elementos cênicos que a princípio geram estranhamento, mas depois são aceitos como parte da diegese. A história vivida nesse ambiente é, na realidade da série, uma lenda sendo contada pelo personagem Contador de Histórias e imaginada pelas crianças que o ouvem. Assim, justifica-se a atmosfera onírica e a presença de elementos lúdicos - os animais e flores artificiais.

Em contraposição à representação do ambiente, as pessoas no Sítio são colocadas de maneira natural, tanto na aparência como na interpretação. O Contador de Histórias, por sua vez, é diegeticamente um personagem. Portanto, sua caracterização física e interpretação não são naturalistas.

Definidos como seriam os ambientes, começou a busca por locações. A ideia era representar uma comunidade rural, e não um sítio ou fazenda isolados. Então buscou-se por vilas de colonos em fazendas históricas. A primeira visita foi feita à Fazenda Santa Maria, na cidade de São Carlos, mas não foi encontrado um lugar que atendesse às necessidades do projeto. A segunda fazenda visitada foi a Fazenda São Roberto, também em São Carlos, onde havia o espaço ideal para a microssérie, pois havia pequenas casas, próximas umas das outras e em uma disposição que possibilitaria explorar os enquadramentos. Ademais, a locação também era conveniente para as cenas internas, que seriam feitas em uma das casas da fazenda.

Os enquadramentos foram feitos buscando explorar o potencial dramático de cada cena. Pensando na montagem, foi proposta uma decupagem transparente, que não se tornasse um motivo de quebra da imersão dos espectadores. Entretanto, esta proposta não

impediu de serem realizados planos diferenciados, com a câmera em posições não convencionais na tradição clássica.

Nas cenas externas que se passam no Sítio, buscou-se oferecer uma compreensão do espaço para o espectador usando planos bem abertos. Tais planos enaltecem a beleza da paisagem da locação. Entretanto, havia uma limitação de ângulos para gravar, por conta de uma parte da locação que não deveria aparecer em quadro. Essa limitação dificultou um pouco o posicionamento de câmeras na cena do primeiro episódio quando os personagens Jessé e Anaí estão brincando à frente das casas. A solução foi criar uma movimentação entre os atores para que eles trocassem de lado em quadro antes de mudar de plano, para não quebrar o eixo.

Para as cenas internas que se passam na casa da personagem Iná, houve uma certa dificuldade em variar o posicionamento da câmera, devido ao tamanho dos cômodos. Apesar de ter sido feita uma visita técnica com antecedência, no momento da gravação pode-se perceber que alguns planos poderiam ser alterados. Quando aparecem pessoas em torno da mesa, por exemplo, era planejado fazer um plano individual de cada pessoa. Mas em algumas ocasiões, optou-se por juntas duas pessoas no mesmo plano, diminuindo o número total de planos.

O fato de os cômodos não serem grandes levou à criação de planos que visaram contemplar uma grande quantidade de informação visual. Um exemplo é quando o personagem Jessé aparece sentado no chão e é possível ver a mesa ao fundo, com as outras três personagens em volta. Neste plano foi usada uma lente grande angular que permitiu mostrar praticamente todo o espaço da cozinha. Além de ter ficado esteticamente satisfatório, o plano colabora no sentido de passar a introspecção do personagem.

Para a cena do último episódio em que ocorre a transformação do menino em beija-flor, foram avaliadas várias alternativas. A opção mais simples seria suprimir o momento da transformação entre os cortes, criando uma pequena elipse temporal. Mas esta opção não ficaria esteticamente de acordo com a proposta de direção, e foi resolvido que o instante da transformação deveria estar no meio de um plano.

Foi bastante desafiador conseguir gravar dois planos que pudessem ser montados de modo a deixar imperceptível o corte. Fatores como a irregularidade do terreno e da velocidade em manusear a câmera sobre o trilho tornaram necessário gravar muitas vezes os dois planos – com o menino e com o beija-flor.

O processo de produção foi bastante trabalhoso e houve muitos contratemplos. Mas ainda assim, o resultado final foi bastante satisfatório.

6 CONSIDERAÇÕES

“A nobre e breve história do beijo” é uma proposta experimental de um formato inovador, que tem em sua flexibilidade a base para o potencial de exibição.

O primeiro fator de flexibilidade é a duração. A microssérie poderia ser encaixada em diversos horários, antecipando programas de maior duração. Ou até mesmo ser inserida como parte de um programa de maior duração dividido em quadros.

O fato de ter classificação livre também possibilita uma variedade de públicos. Tanto a programação infantil da manhã quanto o horário nobre poderiam ser adequados para este formato.

Outra consideração relevante é a importância de retomar temas que se destaquem das tendências atuais de mostrar o cotidiano pelo viés da tecnologia e da agitação urbana. Principalmente quando se trata de público infantil, é necessário desacelerar a tecnologia e permitir o contato com a pureza das mais simples tradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFERES, Sirlene Cíntia. Programas televisivos infanto-juvenis e divulgação científica. Uberlândia MG, 2008. Artigo – UFU,2008
- CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. Programas educativos na TV. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, nº. 15, maio/agosto 1999. p. 29-34